

Tensão geopolítica impulsionada por tarifas e políticas comerciais

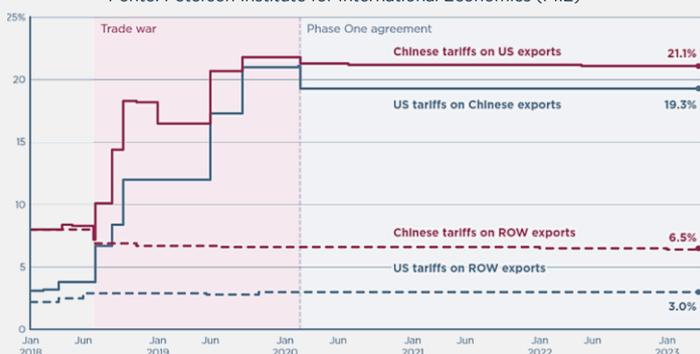
O cenário global turbulento dos últimos tempos nos permite avaliar o panorama atual e entender melhor os riscos geopolíticos que enfrentamos, e dessa forma, mensurar a probabilidade de ascensão ou declínio dos riscos. Embora haja uma série de desafios, podemos focar especificamente nas políticas comerciais recentes para ter uma visão mais clara, apesar de entendermos que outros riscos importantes de guerras e conflitos permanecem presentes.

Diante disso, podemos citar alguns eventos relevantes ocorridos recentemente: 1) o início da guerra comercial entre China e Estados Unidos em 2018; 2) medidas de fomento à produção doméstica, como o *Inflation Reduction Act* e o *CHIPS Act*; e 3) a proibição da exportação de chips avançados de inteligência artificial dos Estados Unidos para a China.

Para compreender a atual tensão geopolítica entre os Estados Unidos e a China, é crucial considerar o histórico das relações comerciais entre essas duas potências globais. Desde a década de 1970, quando os laços comerciais foram restabelecidos após anos de isolamento, as economias americana e chinesa têm se tornado cada vez mais interdependentes. A China emergiu como uma força econômica dominante, impulsionada por um crescimento acelerado e uma mão de obra abundante, enquanto os Estados Unidos mantêm sua posição como a maior economia do mundo. Essas duas nações desempenham papéis fundamentais na economia global, com cadeias de suprimentos interconectadas e um volume significativo de comércio bilateral. No entanto, divergências políticas e ideológicas, juntamente com preocupações sobre práticas comerciais desleais e questões de segurança, alimentaram tensões crescentes.

Tarifas da Trade War entre EUA e China

Taxas entre EUA e China e o resto do mundo (ROW)
Fonte: Peterson Institute for International Economics (PIIE)



A eleição de Trump em 2016 trouxe consigo um foco para a economia norte-americana. Um tema central do slogan político *"Make America Great Again"* era diminuir o déficit comercial com a China, o seu maior parceiro comercial até então. O meio para atingir tal objetivo foi através de aumento de tarifas para uma série de importações, cuja alíquota saiu de 4% para 19%, cobrindo 66% das exportações da China.

Com o passar dos anos, é possível medir a eficácia das medidas e logo surge o seguinte questionamento: houve a diminuição do déficit comercial entre China e Estados Unidos? Além disso, houve cumprimento por parte da China ao *"Phase One agreement"* – acordo assinado em fevereiro

de 2020 para a China importar mais produtos de origem americana?

Analisando primeiramente o déficit entre os dois países, é possível concluir que sim. Esse número saiu de 418 bilhões de dólares (2% do PIB) em 2018 para 281 bilhões de dólares (1% do PIB) em 2023, como mostra o gráfico a seguir. Ainda que possa existir algum efeito decorrente dos níveis mais altos de estoque devido ao resquício da pandemia e seu impacto na cadeia global de comércio, é inegável que houve uma mudança de tendência após o aumento das tarifas.

Déficit anual de comércio de bens dos EUA com alguns países

Fonte: Commerce Department via Haver Analytics



Por outro lado, já se percebem os efeitos iniciais do *friendshoring* e do *nearshoring*, com países como Vietnã e México ocupando esse espaço. Um anúncio emblemático recente foi o da Apple, que relatou que 14% dos iPhones já são produzidos na Índia, o dobro em relação ao ano passado.

Em segundo lugar, o *"Phase One agreement"* mostrou-se ineficaz, uma vez que a China cumpriu apenas 58% do que foi estabelecido no acordo. Mesmo com o argumento de que a pandemia afetou sua implementação, não houve revisão ou negociação de novos parâmetros no governo Biden, de modo que as tarifas, pelo menos por enquanto, devem continuar em vigor nos níveis atuais.

Além da guerra comercial, a tecnologia tem sido um tema central nos últimos anos, podendo ser dividida em três partes: comunicação, energia verde e chips. Não por acaso, todas essas áreas se encaixam sob o argumento da segurança nacional, garantindo maior flexibilidade e celeridade para as ações do executivo.

O 5G foi o primeiro grande embate, iniciando um processo de banimento da empresa chinesa Huawei nos Estados Unidos em 2017, medida que permanece até hoje. O ápice dessa crise diplomática talvez tenha sido a prisão da diretora financeira da Huawei no Canadá, sob mandado de prisão dos EUA. No entanto, embora esse assunto pareça não ter mais desdobramentos significativos devido à falta de notícias recentes, a energia verde e os chips permanecem dinâmicos, representando mais um ponto crítico a ser monitorado no termômetro do ambiente geopolítico.

O *Inflation Reduction Act* (ou IRA) e o *CHIPS Act* são duas medidas relevantes aprovadas em 2022, indicativas do esforço do governo americano para tornar as cadeias de suprimentos de chips, carros elétricos, baterias e painéis solares mais independentes do resto do mundo. O IRA alocará 386 bilhões de dólares (0,6% do PIB por ano) ao longo dos próximos 10 anos para estimular o consumo e a produção de energia limpa. Já o *CHIPS Act* destinará 48 bilhões de dólares (0,2% do PIB por ano) nos próximos 5 anos em subsídios para construção, buscando reduzir a dependência de Taiwan e aumentar a participação dos EUA de 10% para 20% na produção global de chips de última geração. Um exemplo é a TSMC (Taiwan Semiconductor Manufacturing Company Limited é uma empresa multinacional taiwanesa de fabricação e design de semicondutores), que recentemente recebeu 6,6 bilhões de dólares (equivalente a 10% a 30% do investimento necessário para uma planta de chips de alta tecnologia) para construir uma planta em Phoenix, no estado do Arizona nos EUA.

Enquanto vemos esforços para fomentar a produção doméstica, também observamos medidas para restringir o acesso de outros países a recursos-chave. A maior evidência disso foi a proibição pelo Departamento de Comércio dos EUA de empresas líderes na indústria de semicondutores, como Nvidia, TSMC e ASML, de venderem chips e seus equipamentos de fabricação ligados à inteligência artificial.

Apesar do esforço dos Estados Unidos, a China tem avançado significativamente nesse campo, com duas empresas se destacando: Huawei e SMIC. A Huawei, um conglomerado chinês, tem se destacado como uma grande designer de chips, recentemente desenvolvendo um chip com desempenho equivalente ao chip de inteligência artificial A100 da Nvidia, lançado em 2020 e atualmente banido de ser vendido à China. Por sua vez, a SMIC, uma estatal chinesa fabricante de chips, concorrente da TSMC, é a 5ª maior fabricante global de chips e a maior da China. O fato de estar produzindo chips de 7 nanômetros indica que as sanções não têm sido eficazes, mantendo o intervalo tecnológico de 4 a 5 anos entre SMIC e TSMC inalterado.

Ainda em relação a China, é possível analisar qual tem sido sua postura e comportamento diante dos acontecimentos. As evidências revelam que o país asiático está mais preocupado com questões domésticas, como a sua economia (por exemplo, atingir metas de crescimento) e o seu desenvolvimento de capacidades em áreas estratégicas, como chips. Além disso, observa-se que a estratégia chinesa adotada no embate do comércio internacional parece ser mais de retaliação em relação às medidas americanas, adotando uma abordagem “olho por olho”. Além disso, é importante destacar Taiwan, que atualmente, representa uma incógnita significativa e o maior risco de cauda dentro do contexto geopolítico, seja pela sua relevância como maior produtora de chips avançados (68% da capacidade global) e seu papel central nas questões de política internacional envolvendo os três países.

A eleição presidencial americana, programada para novembro de 2024, adiciona mais complexidade ao assunto devido aos potenciais resultados distintos entre os candidatos. Embora seja prematuro, as pesquisas indicam uma disputa acirrada entre os candidatos Joe Biden e Donald Trump.

Se por um lado Trump tem adotado uma postura agressiva em suas declarações de campanha, propondo uma tarifa de importação de 60% sobre bens chineses e 10% sobre bens de outros países, Biden, por outro lado, tem sido mais comedido até o momento, limitando o escopo de produtos sujeitos a aumento de alíquota ao aço e ao alumínio. Em relação à Taiwan, por enquanto, ambos os candidatos ainda não expressaram de forma enfática qualquer mudança drástica além do auxílio militar ao país.

Portanto, é possível afirmar que a próxima eleição presidencial americana é um importante fator de risco geopolítico a ser monitorado. Sob uma futura presidência Biden, a expectativa é de uma postura relativamente mais conservadora nas relações com a China, com a ressalva de que a corrida presidencial está bastante acirrada, o que torna uma mudança de estratégia bastante factível para se manter competitivo. Já em um governo Trump, as incertezas tendem a ser maiores, tanto em relação à escalada do risco geopolítico quanto ao potencial impacto na inflação (pesquisadores do FED estimam que a cada 25% de tarifa de importação, a inflação aumenta 0,4%).

Em suma, a guerra comercial entre China e Estados Unidos, iniciada em 2018, marcou uma mudança nas relações bilaterais, refletindo décadas de tensões crescentes devido a divergências comerciais, políticas e ideológicas. Paralelamente, as medidas de fomento à produção doméstica, como o IRA e o *CHIPS Act*, representam uma resposta estratégica dos EUA à concorrência global, especialmente da China, no setor tecnológico. Já a proibição da exportação de chips avançados para a China, ressaltou preocupações com segurança e soberania tecnológica. Olhando para o futuro, espera-se uma continuação da complexidade e volatilidade nas relações geopolíticas, com implicações importantes para o comércio internacional e o desenvolvimento tecnológico.

Referências:

Peterson Institute for International Economics: “US-China Trade War Tariffs: An Up-to-Date Chart” (2023), “China bought none of the extra \$200 billion of US exports in Trump’s trade deal” (2022),

The Wall Street Journal: “A China-U.S. Decoupling? You Ain’t Seen Nothing Yet” (2024)

Committee for a Responsible Federal Budget: “What’s In the Inflation Reduction Act?” (2022), “CBO Estimates “Chips-Plus” Bill Would Cost \$79 billion” (2022)

Reuters: “U.S. actions against China’s Huawei”, “Trump tariff plans spur talk of inflation 2.0” (2024)

NY Times: “Chipmakers Seek More Than \$70 Billion in Federal Subsidies” (2024), “TSMC Will Receive \$6.6 Billion to Bolster U.S. Chip Manufacturing” (2024),

CNBC: “U.S. curbs export of more AI chips, including Nvidia H800, to China” (2023)

Yahoo! Finance: “Tech war: Huawei’s AI chip capabilities under intense scrutiny after market leader Nvidia taps it as potential rival” (2024)

Nikkei Asia: “The great nanometer chip race” (2023)

Fivethirtyeight: Presidential elections polling averages
Federal Reserve Bank of San Francisco: “Inflationary Effects of Trade Disputes with China” (2019)